

Fórum vincula à educação a modernização do país

28 ABR 1994

O GLOBO

Selmy Yassuda

O sucesso no combate à pobreza no Brasil e a modernização da economia não resultarão apenas do crescimento econômico: é necessária também a capacitação da população. A afirmação fez parte da maioria das palestras do terceiro dia de debates do Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos (Inae), que ontem tratou do tema central do encontro deste ano: "A construção da modernidade econômico-social".



Indicadores de pobreza não faltaram. Vinte por cento da população detêm apenas 2% da renda nacional — taxa que o Brasil partilha com a Guatemala como a pior da América Latina, onde, na média, este contingente fica com 7% da renda — observou Norman Hicks, assessor da Vice-Presidência do Banco Mundial. E 36% (56 milhões de habitantes) não têm como garantir a renda mínima à sua sobrevivência, ressaltou o economista José Márcio Camargo.

Para reverter o processo de pobreza, ao mesmo tempo em que se adequa a mão-de-obra ao novo padrão de desenvolvimento, puxado pela automação, alertaram o ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso e o economista Roberto Cavalcanti de Albuquerque, é preciso rever o velho modelo de política social e concentrar recursos em capital humano (principalmente educação). A tese é que se deve investir numa política social que beneficie os mais pobres e não os mais ricos



Hicks, do Bird, faz sua palestra. A direita, Velloso, organizador do evento

(por exemplo, dirigir mais recursos para o ensino básico do que para o superior).

Os conferencistas lembraram que o Brasil é um dos países que mais investiram no social nas últimas décadas, mas sem obter retorno proporcional.

— Há menos eficiência na aplicação dos recursos — acentuou Hicks, enquanto o padre Fernando Bastos de Avila, professor da PUC/RJ, ressaltou que 60% das verbas gastas em programas sociais são consumidas no burocracia incumbida de realizá-la.

Azulete Fogaça, professora do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, apresentou um trabalho dela e de Cláudio Salm que faz sugestões práticas, como a de que a educação no Senai não se resume a preparar o operário para um fim específico. Que lhe dê capacitação básica geral:

— Se é verdade que a economia brasileira vai se modernizar e entrar na automação eletrônica, precisaremos preparar a mão-de-obra não só para fazer, mas também para pensar.

A consultora do Bird Thereza Lobo alertou para as dificuldades de mudança do modelo, devido ao que chamou de "eterna promiscuidade entre os setores privado e público", com o primeiro se alimentando do segundo. Camargo apresentou estudo que conclui que entre as causas da pobreza no país estão não só a falta de qualidade da força-de-trabalho, mas também a do emprego gerado. Por isso, ressaltou, a educação é fundamental, mas não é tudo: há outras necessidades, como a de as empresas investirem mais em si mesmas, a reforma agrária, o fim da gestão empresarial autoritária.